

Ensaio Etnográfico na Ilha de Santiago de Cabo Verde

Processos Identitários na Contemporaneidade

Organizadores:

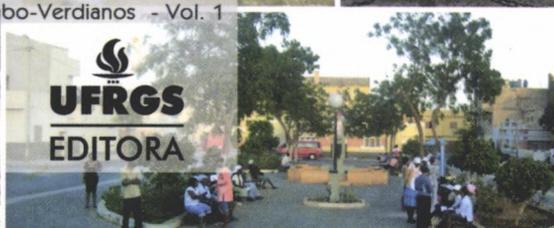
Maria Elizabeth Lucas & Sergio Baptista da Silva



Série Estudos Sociais Cabo-Verdianos - Vol. 1

Edições
união


UFRGS
EDITORA





Reitor
António Correia e Silva

Vice-Reitora para a Pós-Graduação, Investigação e Publicações Científicas
Maggy Fragoso

EDIÇÕES UNI-CV

Direcção
Gláucia Nogueira

Conselho Editorial
Angelo Barbosa
António Correia e Silva (pres.)
António Querido
Arlinda dos Santos Cabral
Cristina Pires Ferreira
Eurides Costa
João Resende Santos
Maggy Fragoso
Marcelo Galvão Baptista
Paulino Monteiro



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor
Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica
Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora
Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Ana Lígia Lia de Paula Ramos
Carlos Alberto Steil
Cornelia Eckert
Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Rejane Maria Ribeiro Teixeira
Rosa Nívea Pedroso
Sergio Schneider
Susana Cardoso
Tania Mara Galli Fonseca
Valéria N. Oliveira Monaretto
Sara Viola Rodrigues, presidente

Edições Uni-CV

Praça Dr. António Lerenó, s/n
Caixa Postal 379-C Praia, Santiago
Cabo Verde
Tel. (+238) 260 3700; Fax: (+238) 261 26 60
edicoes@unicv.edu.cv – www.unicv.edu.cv

Editora da UFRGS

Rua Ramiro Barcelos, 2500
900035-003 Porto Alegre, RS
Brasil
Fone/fax: (51) 3308-5645
editora@ufrgs.br – www.editora.ufrgs.br

Ensaio Etnográfico na Ilha de Santiago de Cabo Verde Processos Identitários na Contemporaneidade

Organizadores

Maria Elizabeth Lucas e Sergio Baptista da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Série

Estudos Sociais Cabo-Verdianos - Vol. 1

RESERVA TÉCNICA
Editora da UFRGS

FICHA TÉCNICA

Título

Ensaio Etnográfico na Ilha de Santiago de Cabo Verde – Processos Identitários na Contemporaneidade

Série

Estudos Sociais Cabo-Verdianos - Vol. 1

Organizadores

Maria Elizabeth Lucas e Sergio Baptista da Silva

Copyright

© Universidade de Cabo Verde, organizadores e autoras dos artigos

Coordenação Editorial e Revisão

Gláucia Nogueira

Layout, Paginação e Capa

SERVICENTER, Projecto em Harmonia Digital
Palmarejo - A, Praia – Santiago, Cabo Verde
Tel. (+238) 262 84 98, Móvel: (+238) 992 52 57
Email: jorgedores@yahoo.com.br

Fotografias

Autoras dos artigos

Tiragem

1.000 exemplares

Impressão

Tipografia Santos, Praia, Novembro de 2009

Ficha Catalográfica

E59 Ensaio etnográfico na Ilha de Santiago de Cabo Verde: processos identitários na contemporaneidade / organizado por Maria Elizabeth Lucas e Sérgio Baptista da Silva. – Praia, Santiago, Cabo Verde: Edições Uni-CV ; Porto Alegre, RS, Brasil: Editora da UFRGS, 2009.
275 p. : il. ; 17x24cm

(Estudos Sociais Cabo-Verdianos ; v. 1)

1. Antropologia. 2. Etnografia – Cabo Verde. 3. Identidade – Cabo Verde. 4. Construção patrimonial – Expansão turística – Cidade Velha, Cabo Verde. 5. Bairro de pertença – Música – Espaço social – Trajetórias. 6. Fornadjeiras da Ribeira de Principal – Poder – Resistência – Identidade feminina – Espaço de produção. 7. Mandjakus – Estigma – Xenofobia – Cabo Verde. 8. Txoru – Rituais de morte – Comunidade rural – Ilha de Santiago, Cabo Verde. 9. Rabelados de Santiago – Espinho Branco e Bacio – Folclorização – Reformulação identitárias. I. Lucas, Maria Elizabeth. II. Silva, Sérgio Baptista da.

CDU 572

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-989-96130-2-7 (Edições Uni-CV)

ISBN 978-85-386-0075-6 (Editora da UFRGS)

Nº do registo: 2727
Nº da obra: 75f
Data: 25/03/2010

APRESENTAÇÃO

A colecção de ensaios que ora temos o prazer de apresentar aos leitores representa o resultado de uma parceria académica inédita e inovadora entre o Brasil e os países de língua portuguesa. Referimo-nos a uma mobilização colectiva entre docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre e docentes da recém-criada Universidade de Cabo Verde – Uni-CV – que tornou possível a formação de uma primeira turma de mestrado em Ciências Sociais na cidade da Praia em 2007.

Após um exaustivo trabalho presencial envolvendo 21 missões de dez docentes UFRGS na Uni-CV, os quais actuaram como ministrantes de seminários e orientadores de pesquisa durante dois anos, computamos em meados de 2009 um saldo altamente positivo de todo esse labor: a titulação de 17 mestres com seus respectivos contributos académicos sobre temas e problemas de interesse para os desafios enfrentados pela sociedade cabo-verdiana na actualidade. Juntamente com colegas cabo-verdianos e participantes pontuais de outras universidades, a equipe UFRGS, em colaboração com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Uni-CV, ofereceu inegavelmente o sustentáculo dessa formação pós-graduada graças ao acompanhamento contínuo dispensado de forma presencial e à distância ao projecto pedagógico do mestrado.

Do lado brasileiro, permanecerá essa marca histórica de uma experiência pioneira na condução de um mestrado inter-institucional internacional avalizado pelo apoio recebido da Cooperação Internacional da CAPES, entidade do Governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos. Os desafios, adaptações e ajustes necessários de

ambas as partes ao longo do processo, sem dúvida, representam um cabedal precioso de conhecimentos, reflexões e ensinamentos que certamente irão enriquecer e nutrir a vida académica de todos os docentes e dos novos mestres em Ciências Sociais de Cabo Verde que colaboraram para o sucesso dessa acção universitária binacional.

Todo esse esforço começa agora a ser compartilhado e colocado à disposição de um público mais amplo através do volume inaugural da colecção *Estudos Sociais Cabo-Verdianos* consoante aos objectivos editoriais da Uni-CV em animar o debate e a reflexão crítica para além do perímetro da universidade. Nele, e em alguns vindouros, os leitores travarão contacto com uma variada gama temática de pesquisas em que se reflecte o carácter interdisciplinar da equipe de orientadores UFRGS, composta por docentes com actuação e projectos consolidados nos programas de Pós-Graduação em Sociologia, Antropologia Social, Música, Ciência Política e Sociologia Rural, bem como dos demais professores colaboradores no processo formativo dessa primeira turma de mestrandos em Ciências Sociais da Uni-CV. Desta feita, reunimos seis trabalhos de carácter etnográfico com o intuito de compor um painel revigorado desde prismas diferenciados no tratamento em terreno de questões identitárias que afectam Cabo Verde pós-independência e que foram elaborados a partir das dissertações defendidas em Fevereiro/Março de 2009, a saber:

- *A construção patrimonial no contexto da expansão turística na Cidade Velha, Cabo Verde*, por Flávia Lenira Gomes Marques dos Santos com orientação do Professor Doutor Sérgio Baptista da Silva;

- *Bairro de pertença, bairro de música: espaço, sociabilidades e trajectórias de músicos n(d)o meio urbano cabo-verdiano*, por Carmen Teixeira Barros com orientação da Professora Doutora Maria Elizabeth Lucas;

- *Fornadjeiras da Ribeira de Principal, poder resistência*

e identidade feminina no espaço de produção, por Carla Carvalho Cardoso com orientação do Professor Doutor Sérgio Schneider;

• *“Mandjakus são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm da África”: estigma e xenofobia em Cabo Verde*, por Eufémia Vicente Rocha, com orientação do Professor Doutor José Carlos dos Anjos;

• *Txoru falado, txoru cantado: género e emocionalidade nas narrativas em torno dos rituais de morte numa comunidade rural da ilha de Santiago, Cabo Verde*, por Maria Madalena da Veiga Correia com orientação da Professora Doutora Maria Elizabeth Lucas;

• *Rabelados de Santiago - Espinho Branco e Bacio: entre o “mito” de folclorização e reformulação identitária*, por Maria de Lourdes Silva Gonçalves com orientação do Professor Doutor Sérgio Baptista da Silva.

Contamos fortemente com a animação que desses recortes das dissertações ora reunidos nos artigos dessa colectânea possam fluir na formação de jovens académicos e futuros cientistas sociais para Cabo Verde pelo que perspectivamos a seguir os seus nexos mais instigadores.

O translocal e o transcultural: novos desafios para as Ciências Sociais em Cabo Verde

Actualmente, intensificam-se de forma contínua novos tipos de mobilidade geográfica, afectando diversas localidades e identidades em Cabo Verde. Para além da mobilidade caracterizada pela já tradicional e profícua linha de pesquisa que tem abordado os movimentos de emigração, formas mais recentes de mobilidade e sua relação directa com identidades locais são postas em relevo pelos artigos reunidos nesta colectânea. Entre elas, destacamos aque-

las relacionadas aos fluxos de turistas¹, de imigrantes africanos continentais², de líderes rabelados para a Europa³, mas, igualmente, os trabalhos ora publicados enfatizam também formas de translocalidade que dizem respeito aos fluxos de novas ideias, gostos, estilos de vida, ligados a conceitos, por exemplo, de património cultural, de arte, de técnicas artísticas, de música, de performance e de género, como analisado em diversos estudos que integram esta obra. Certamente, estas inúmeras translocalidades também estão vinculadas aos movimentos internos dos cabo-verdianos entre as várias ilhas, que em combinação com a emigração afectam localidades no interior do país, especialmente no que tange às relações de trabalho e de género⁴, e às representações sobre a morte⁵, como bem demonstram os estudos ora levados a público.

Estes fluxos, mobilidades e circulação têm como consequência transformações nestes espaços, locais e escalas. Pessoas, grupos sociais e instituições tornam-se cada vez mais translocais, isto é, com pertencimento simultâneo a mais de uma localidade (OAKES & SCHEIN, 2006). A translocalidade, segundo Goodman (2004), caracteriza-se exactamente por este “estar identificado com mais de um local”.

Assim, ao contrário das sociedades pré-modernas, “nas quais o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes”,

“A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão ‘ausentes’, distantes (em termos de local), de qualquer relação face-a-face. Nas condições da modernidade..., os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que

1 Caso abordado no artigo que discute a patrimonialização da Cidade Velha.

2 Encaminhamos o leitor ao trabalho que reflecte sobre a presença dos *mandjakus* em Praia.

3 Sugerimos a leitura do estudo sobre os Rabelados do Bacio e do Espinho Branco, nesta colectânea.

4 Como é o caso discutido no artigo sobre as transformações em curso na Ribeira de Principal, Ilha de Santiago.

5 Direcçionamos o leitor ao trabalho sobre o *txoru* em Achada Falcão, nesta obra.

está presente na cena; a 'forma invisível' do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza" (GIDDENS, 1990).

Este quadro, em um cenário pós-colonial, no qual se intensifica a mobilidade geográfica e a circulação de ideias e, via de consequência, a translocalidade, gera transformações de identidades surgidas em outros contextos, ora ligados ao período colonial⁶ ora vinculados à época contra-colonial, possibilitando o surgimento de novas identidades em fluxo ou construção⁷.

A partir deste quadro aqui esboçado, as pesquisadoras cabo-verdianas, autoras dos artigos presentes nesta colectânea, enfrentaram o novo desafio de analisar e compreender estas novas redes, nas quais novos actores fazem-se presentes. Estas redes intensificam contactos em várias escalas, conformando conexões translocais, trazendo para dentro delas novos actores e ideias com os quais torna-se preciso lidar: turistas, mediadores, estrangeiros, migrantes nacionais e conceitos. Desde um ponto de vista interno, igualmente nos deparamos com novas redes que interligam mais e mais pólos que nunca foram totalmente afastados, tornando cada vez mais imbricadas e porosas as fronteiras entre o rural e o urbano ou entre o local, o regional e o nacional, sendo uma das características do conjunto dos estudos ora levados a público a demonstração da intensa transversalidade entre estes espaços ditos "rurais" e "urbanos", "locais" e "nacionais" ou "nacionais" e "internacionais", e as consequentes transformações socioculturais⁸.

⁶ Vejamos o caso dos Rabelados, um espaço de autonomia e de certo isolamento, construído durante o período colonial. Hodiernamente, este movimento original de fechamento sobre si mesmo, ressurgiu revigorado com movimentos de abertura (recorrentemente contestada internamente) para o contexto nacional e internacional, transformando ou colocando "em debate" antigos preceitos.

⁷ Reportamos o leitor às reflexões sobre espaço, música e identidades no artigo sobre o Bairro Craveiro Lopes, neste livro.

⁸ Sahlins (1997b), seguindo Hart (1971), diz que a autora "concluía (...) que era necessária uma nova perspectiva antropológica, capaz de transcender as oposições correlativas entre o moderno e o tradicional, o homem citadino e o homem tribal, o urbano e o rural". E Sahlins continua: "Em troca,

Não obstante, as autoras não perdem de vista em seus estudos a importante dimensão da cultura⁹ local e sua conexão com a translocalidade, através do contacto directo, da convivência e da observação dos grupos sociais analisados, praticando levantamentos etnográficos densos e deixando-se afectar pelo campo, pelos nativos e por seus conceitos sociocosmológicos e culturais¹⁰. Além disso, o conjunto dos artigos desta colectânea, por intermédio de suas autoras, mantém um olhar focado no micro (micro-social, micro-espacial), mas percebendo o local inserido na dinâmica regional, nacional e internacional. Em síntese, parodiando e estendendo a reflexão de Hall (2001), o que está em jogo é a tensão entre o “global”, o “nacional” e o “local” na transformação das identidades¹¹.

Neste sentido, a lição de Sahlins (1977a e 1997b) também foi bem compreendida pelas cientistas sociais cabo-verdianas que compõem com seus trabalhos a presente obra: no contexto da “reorganização planetária da cultura”, também nos sistemas translocais e nas sociedades transculturais, o peso e a força da cultura local é fundamental para a compreensão dessa imensa variedade de processos culturais e de relações interessantes.

**Maria Elizabeth Lucas
Sergio Baptista da Silva**

ela propunha a ideia de uma ‘expansão dos horizontes da comunidade’”.

9 “A ‘cultura’ não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objecto principal da antropologia – tampouco, aliás, enquanto preocupação fundamental de todas as ciências humanas. É claro que ela pode perder, e já perdeu, parte das qualidades de substância natural adquiridas durante o longo período em que a antropologia andou fascinada pelo positivismo. Mas a ‘cultura’ não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenómeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da acção humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados – significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. (...) Por isso, podemos estar certos de que ela também irá sobreviver às actuais tentativas de deslegitimação, que alegam supostas associações históricas desse conceito com o racismo, o capitalismo ou o imperialismo (SAHLINS, 1997a).

10 Para uma discussão mais aprofundada, sugerimos a leitura de Sahlins (1997b), especialmente em relação ao “culturalismo” contemporâneo.

11 Hall (2001) fala em “tensão entre o ‘global’ e o ‘local’”.

Referências bibliográficas

- GIDDENS, A. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- GOODMAN, David S. G. *China's campaign to "open up the west": national, provincial and local perspectives*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HART, Keith. "Migration and Tribal Identity among the Frafras of Ghana". *Journal of African and Asians Studies*, 6:21-36, 1971.
- OAKES, Tim & SCHEIN, Louisa (editores). *Translocal China: linkages, identities and the re-imagining of space*. London/New York: Routledge, 2006.
- SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana*, vol.3, n.1, Rio de Janeiro, Abril, 1997a.
- _____. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana*, vol.3, n.2, Rio de Janeiro, Out., 1997b.